

# Naufrágio em águas rasas<sup>1,2</sup>

## Aspectos arcaicos de uma mente retirante

Ana Archangelo,<sup>3</sup> Campinas, SP

Resumo: Mediante a apresentação e discussão de um caso clínico, a autora procura abordar o modo pelo qual o que se configura como uma mente retirante, com notável desengajamento emocional, pode estar associado a experiências primevas com um continente aqui designado como flácido. Ao longo do texto, busca delinear a natureza de tal flacidez, como a capacidade de fagocitar o contido – e também seus efeitos, entre eles o de provocar o que denomina de tanatose psíquica. O trabalho com o paciente, baseado no que chama de mutualidade interessada, torna possível a emergência dos elementos arcaicos, fortemente marcados pela presença de sinais do funcionamento corporal, e a partir daí a criação de um terreno mais fértil para os processos de subjetivação.

Palavras-chave: agonias primitivas, clínica do arcaico, continente flácido, relação continente-contido, objetos primários

*O ser humano carece de navegar  
em águas profundas,  
pois naufraga em águas rasas.*

## Introdução: os primeiros contatos com Thomas<sup>4</sup>

Tenho como método de trabalho o registro constante das sessões – que, aqui, aparecem ficcionalizadas. Nele, algumas palavras ou expressões parecem emergir e se aderir a cada paciente de tempos em tempos. Elas configuram um idioma com o qual encontro alguma coerência em elementos inicialmente dispersos no contato com o paciente. Talvez mimetizem  *fatos selecionados*, nos termos de Bion (1991/2000, 1963/2004a).

- 1 Texto vencedor do Prêmio Mário Martins, para membros associados, conferido durante o 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado de 22 a 25 de outubro de 2025.
- 2 Agradeço aos pacientes que nos põem em constante movimento e em contato com o mais profundo desconhecimento de nós mesmos. Também, a Izelinda Barros, Vera Adamo e Luiz Meyer, cada um a seu modo uma inspiração para este trabalho.
- 3 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Professora sênior da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- 4 O nome e alguns dados foram ficcionalizados.

As palavras evocadas por Thomas quando iniciamos o trabalho, anos atrás, foram “estagnado”, “afastamento”, “distanciamento”, “fuga”, “indisponibilidade”: vida e relacionamento estagnados, afastamento dos amigos, distanciamento dos colegas, desejo de fugir e indisponibilidade para um novo emprego – e, evidentemente, a dúvida que me ocorria sobre sua (in)disponibilidade para a análise. Além dessas, a singela palavra “olá”, utilizada para a saudação de cada dia, também guardava algo muito peculiar. É difícil descrever, mas o início de nossas sessões, por muito tempo, soava como a abertura de um programa de auditório. Seu cumprimento tinha, religiosamente, uma estereotipia e uma musicalidade em falsete: “Ô-LÁÁÁÁ”. Sim, esta era outra marca de Thomas quando começamos o trabalho: segundo ele, precisava “se forçar a ser espontâneo”, fazia o esforço de “vestir-se para demonstrar garra, estudar e produzir”. A energia que investia em suas atividades era, para ele, uma vestimenta que representava sua presença, enquanto desaparecia em uma evasão que, com o tempo, passei a caracterizar como *mente retirante*.

THOMAS: Dizem que, no teatro, antes de entrar no palco, os artistas precisam vestir a personagem...

ANA: Podemos pensar também em “encarnar a personagem”.

THOMAS: Eu pensei nessa palavra, mas aí achei muito forte e não usei.

Digo que talvez estejamos ali às voltas com este dilema: alguém vestido de Thomas ou um Thomas encarnado? Ele responde: “Eu me sinto um impostor, uma farsa”. Ao que respondo, parafraseando Fernando Pessoa: “Um fingidor, que finge sentir que é dor, a dor que deveras sente”. Um breve silêncio, e Thomas indaga, um tanto surpreso: “Finge a dor que é real?”. Ficamos em silêncio.

O “retirante” retornava em nosso trabalho com frequência. Uma palavra minha a mais, e Thomas parecia fechar-se, como descreve Valter Hugo Mãe: “Sempre outra vez no seu mundo de ideias nenhuma, ... como se o que [ou] visse não lhe devolvesse um qualquer sentido ao cérebro” (2017, pp. 63 e 65).

Contudo, havia rasgos de contato em que Thomas se valia da analista-objeto para, segundo minha percepção à época, depositar identificações projetivas maciças, operadas em narrativas acerca de situações intrigantes ou impactantes, acompanhadas de um notável desengajamento emocional por parte dele.

Um episódio emblemático refere-se a um problema de saúde enfrentado quando ainda era criança. No dia marcado, vários profissionais tentaram, sem sucesso, fazer a intervenção, enquanto ele chorava, na presença da mãe, que o acompanhava. Só depois de inúmeras tentativas frustradas, sua mãe, até então calada, teria pedido que interrompessem o procedimento. Contou-me tal

história placidamente, sem esboçar reação, enquanto eu era tomada por sensações corporais, por espanto, por real compaixão por esse pequeno menino sujeitado a um evento cuja cena fazia fronteira tênue com uma violência.

Esse cenário e o banimento desse assunto por anos me davam pistas de que eu havia me tornado, por assim dizer, guardiã de emoções indizíveis de algumas de suas experiências, e não ainda uma pessoa com a qual ele viria a formar uma dupla capaz de produzir sentido.

## A analista como guardiã de aspectos arcaicos e emoções indizíveis

Esse aspecto ajudou-me, pouco a pouco, a delinear elementos arcaicos da mente de Thomas e de sua experiência com seus objetos primários.

Era como se ele, de fato, ainda não pudesse sentir e assimilar a emoção correspondente à intensidade daquelas experiências. Assim como a boca de um bebê recém-nascido pode não identificar o mamilo que está à sua disposição, Thomas parecia não reconhecer estar diante de um continente receptivo. Mas me intrigava o fato de eu sentir algo mais do que isso: sentia-o obstruir e silenciar a analista-objeto disponível, que poderia vir a dispor de sua função-alfa para ajudá-lo a processar experiências visivelmente intensas e a desintoxicá-las do que, em princípio, era excessivo para sua mente (Bion, 1962/2004b).

Foi um trabalho árduo e longo até que eu formulasse a hipótese de que partes de sua mente ainda não haviam sequer vivenciado o modelo de relação continente-contido (Bion, 1967/1994). Então, que objeto teria sido esse com o qual Thomas tivera suas experiências inaugurais?

A experiência com Thomas comportava inúmeras camadas de sentido. Contudo, a que me rondava com frequência, e que consiste no foco desta reflexão, era a que dizia respeito à natureza dessa mãe-continente introjetada por Thomas e à natureza da analista-continente necessária para ele. O meu interesse justificava-se não apenas pelo relato do episódio em si, mas sobretudo pelo que ele emoldurava das experiências vividas nas sessões, ora na transferência e na contratransferência, ora em situações que me levavam a suspeitar de experiências arcaicas, pré-transferenciais, muito marcadas por um continente diligente com o bom funcionamento corporal, porém não responsivo ao clamor emocional – um continente que, tempos depois, passei a designar como *flácido*, sem ter ainda contornos muito claros do que isso significaria.

## Continente flácido: fagocitose e tanatose psíquica

A formulação sobre tal continente veio paulatinamente, com o tempo, com a ajuda da supervisão e de autores que vêm abordando o arcaico – como Bion (1967/1994, 1963/2004a, 1962/2004b, 1965/2004c), Brun (2018), Meltzer (1979, 1992/2017), Poyet (2021) e Stern (1992) – e com muito trabalho que conseguimos, Thomas e eu, realizar. Até então, eu apenas me perguntava no que consistia, em termos metapsicológicos, tal flacidez.

Vale demarcar aqui que a relação continente-contido que promove expansão e desenvolvimento exige que o objeto primário acolha o contido e o processe, para então devolvê-lo ao sujeito, em uma forma palatável, desintoxicada, assimilável e, por isso, nutritiva para a mente daquele que o expeliu (Bion, 1967/1994, 1962/2004b).

Com Thomas, pouco a pouco, a hipótese de um continente flácido foi sendo depurada. Trata-se, entre outras coisas, de um continente que, por sua hipotonia, fagocita o contido, em vez de digeri-lo e torná-lo disponível para o outro, assimilável por ele. A alusão à fagocitose para representar o movimento psíquico do continente flácido parece útil porque é um conceito que descreve um processo que permite a uma célula incorporar partículas com a finalidade de sua própria nutrição e/ou de defesa (Santos, s.d.). No primeiro caso, a partícula contida, embora capturada pelos pseudópodes e “digerida”, serve à própria célula que a digere. No segundo caso, a partícula contida é degradada e expelida pela célula, como forma de defesa desta. Ou seja, nesse caso, a relação continente-contido é corrompida por uma fagocitose que, em vez de se dar pela presença e ação de pseudópodes, ocorre pela presença de dobras que se formam no objeto-continente, devido à hipotonia de seu interior. Não se trata de um objeto ávido ou voraz, mas hipotônico. Para ele, o contido ou serve de nutriente ou é degradado, mas sempre em benefício próprio, e não daquele que buscou, pela via da identificação projetiva, o contato e a comunicação com um continente capaz de processar suas experiências emocionais e de torná-las disponíveis como elementos-alfa e, eventualmente, para a identificação introjetiva. Em outras palavras, a matéria-prima do contido não é transformada em nutriente para o sujeito e/ou para o crescimento da dupla, pois o continente flácido faz da tentativa de comunicação, estabelecida mediante o uso da identificação projetiva, uma via de mão única: a matéria-prima do contido perde-se nas dobras, nas entranhas do continente flácido, até ser fagocitada, enquanto o sujeito espera indefinidamente pelo retorno de algum nutriente mental.

Ao que parece, parte da vitalidade de Thomas fora fagocitada – digerida ou degradada – por um continente dessa natureza, fazendo uma parcela de seu corpo e de sua mente tornar-se inerte, naquilo que eu chamaria, tomando de

empréstimo outro termo da biologia, de *tanatose psíquica*, processo análogo ao de animais que, amedrontados, se fazem de mortos (Tavares, 2023).

A responsabilidade profissional de Thomas, somada à sua pouca responsividade emocional, ou seu ensimesmamento, por assim dizer, tinha fortes contornos de uma identificação com esse continente primevo, tão eficiente quanto empobrecido e, por que não dizer, usurpador, já que, em certas ocasiões, me fazia esperar “indefinidamente”, no vazio. Ao que parece, o vazio era também ofertado a outros objetos na vida cotidiana de Thomas. Lembro-me de uma sessão em que comentou que, apesar de assíduo, passados alguns minutos após o início de uma reunião de negócios, sentia não mais estar lá. Chegamos à imagem daquele funcionário-fantasma, que vai ao escritório apenas para pendurar o paletó no encosto da cadeira, como prova de sua presença, e deixa o recinto. Embora significativos, encontros com desdobramentos como esse eram poucos.

## Continente flácido e naufrágio em águas rasas

A epígrafe que abre este texto, formulada por mim em um sonho que tive acordada em meu período de análise didática, retornou durante o processo vivido com Thomas e serviu de bússola para os encontros com ele. Thomas vinha naufragando nas águas rasas de vivências mutiladas por ações calculadas de “vestir-se de acordo” com cada ocasião, de uma existência atestada pela presença do paletó no encosto da cadeira, de automatismos paradoxalmente empreendidos para parecerem espontâneos. No entremeio, suas vivências das profundezas vagavam perdidas, não apenas em busca de alguém capaz de reconhecê-las, de vivê-las em sua companhia, de ouvi-las e comunicá-las, sob a forma de palavras-símbolo, mas sobretudo em busca de inusitados momentos em que ele se sentisse em um encontro verdadeiro, daqueles em que, como postulam Meltzer e Williams, “sua resposta imaginativa às emoções ... assume uma forma simbólica em modo de canto e dança, em que o ritmo é extremamente importante” (1988, p. 60). Como afirma Guerra, citando o crítico literário Amado Alonso, “o ritmo é o prazer de criar uma estrutura ... para ordenar, integrar os elementos sensoriais dispersos” (2017, p. 34). Em outras palavras, Thomas ainda buscava um objeto capaz de se movimentar delicadamente e de se oferecer ao ritmo da dança e da música capazes de embalar um bebê-Thomas assustado com aquilo que emana de seu corpo e do que está por vir desse mundo desconhecido.

Enquanto isso não se fazia possível, Thomas era, na maior parte do tempo, um “paciente-agenda”, um paciente que Meltzer (1979) descreveria como bidimensional, que carece de meios para pensar o objeto além de suas

qualidades experimentadas de maneira concreta. Aquilo a que eu, em geral, assistia eram relatos de compromisso atrás de compromisso: “Ontem eu fiz isso, hoje fiz aquilo e aquilo outro”, em voz monocórdica.

Apesar de Thomas ter estudado, ter um emprego e um relacionamento estável, havia áreas inteiras de sua mente que pareciam intocadas ou confinadas à bidimensionalidade, provavelmente aquelas que o tinham motivado a buscar análise, à procura das águas profundas que permitissem seu desenvolvimento. Por conseguinte, eu me indagava sobre que tipo de objeto-continente precisaria ser para dar conta daquela experiência ao lado dele – e com ele.

### A topografia acidentada de uma mente retirante: uma alusão à criança mal acolhida, de Ferenczi

À exceção do episódio médico, Thomas pouco falava sobre sua família nuclear e expandida. Uma menção aqui, outra ali; uma queixa ali e acolá sobre seu desânimo para ir visitá-la em sua cidade de origem; um comentário discreto sobre preferir o trajeto de ida e volta do ônibus à visita em si. Por muito tempo, o único material de que eu dispunha sobre seu núcleo familiar era uma pálida descrição sobre seus quatro membros originais sentados no sofá para assistir à televisão. A cena nunca ressoou vivacidade; ao contrário, imprimiu em mim a imagem de pessoas deixadas à própria sorte, carentes e sós, que não entoavam intensidade afetiva, embora dividissem um mesmo espaço. As palavras relacionadas à solidão ficaram aderidas às cenas familiares que Thomas muito superficialmente trazia às sessões.

Apesar disso, era visível que ele não tinha qualquer ideia de que produzia tal efeito na apresentação que fazia de sua família. Thomas parecia autenticamente alienado disso que produzia e assim se mantinha na sessão em que, com ar desprezioso, contou-me de uma expressão utilizada de modo corriqueiro em sua casa. Segundo ele, ali se costumava dizer: “Se visita vem, é bom, mas se não vem, é melhor ainda”.

Fui remetida ao texto de Ferenczi (1929/2011) sobre a criança mal acolhida e ao que Brun afirma sobre a contribuição de Winnicott ao estudo do arcaico: ele teria aberto o “caminho para uma forma de clivagem em que o sujeito se retira de sua subjetividade para não sentir terrores extremos e destrutivos, as agonias primitivas” (2018, p. 39).

Pensei no duplo sentido de arcaico – “começo, designando a relação primeira da criança com seu ambiente, e *princípio*, a dimensão organizadora e estrutural ... para o conjunto da vida psíquica” (p. 37) – e apenas esbocei repetir a frase sobre “a visita que, tendo vindo, foi bom”, deixando seu complemento subentendido.

A sessão estava no fim e terminamos em silêncio.

O'Shaughnessy (1992) trata do Édipo invisível, de vivências muito arcaicas que exigiram que elementos edípicos fossem excindidos. Ao descrever um paciente, comenta: “Não houve rivalidade. ... Houve rendição. ... Ele se retirou” (p. 114).

A ideia de uma criança-visita bem-vinda que, se não tivesse vindo, melhor teria sido me faz pensar nesse Thomas que se retira, que nem se empenha em buscar a dupla, menos ainda o triângulo edípico. Apesar desse princípio organizador, paradoxalmente, é esse mesmo Thomas que, como retirante, estuda e sai da cidade pequena do interior do estado, rumo a outra cidade e a muito do que ela oferece, inclusive a análise.

Tal situação selou em mim a convicção de que a nossa relação poderia comunicar a ele que a tanatose não era necessária. Penso no que Meltzer (1992/2017) define como papel do analista no claustro, de ajudar a percorrer uma topografia, uma geografia.

## A mutualidade interessada da analista e as surpresas que ela reserva

Meu lugar de continente começa, então, a ser delineado com maior precisão: ser um continente que permita a Thomas vir para a experiência da análise e experimentar mutualidade e reciprocidade no interesse em estarmos juntos – uma visita bem-vinda, para parafrasear Ferenczi (1929/2011); uma analista disposta a percorrer a topografia acidentada dessa mente retirante.

A topografia a ser percorrida com Thomas guardava uma surpresa peculiar. Considero que ela se fez possível – ou melhor, audível – a partir do momento em que delimiti mais claramente a natureza desse continente não flácido que eu deveria ofertar, ou seja, um continente cuja relação continente-contido fosse marcada essencialmente pelo que chamo aqui de *mutualidade interessada*. A surpresa aos poucos se tornara um enigma – entre tantos – para mim. Comecei a me dar conta de que as sessões eram atravessadas pelo ronco da barriga de Thomas, que em seguida era acompanhado pelo da minha. Nas primeiras vezes, considerei o fato apenas uma coincidência. Conforme fui notando a recorrência desse fenômeno, procurei avaliar se as sessões aconteciam em horários em que eu estivesse há algum tempo sem comer, se isso ocorria em sessões com outros pacientes ou se havia algo que justificasse o ronco da minha barriga naquele horário. Contudo, nada encontrei que pudesse ser alegado nessa direção. Tal movimento, de fato, ocorria apenas nas sessões com Thomas e, de maneira mais intrigante, em “diálogo” com o ronco da barriga dele. Cautelosa, mas atenta, passei a tomar tal fenômeno como uma

comunicação entre nós – algo ainda não representado por nenhum dos dois, mas ali presente.

Eu me perguntava, assim como Brun:

Como definir as modalidades específicas do trabalho analítico em clínicas que nos confrontam com ... partes da vida psíquica não subjetivadas, até mesmo na expectativa de subjetivação, ... que não se manifestam sob a forma de lembranças ou imagens, mas sob uma forma essencialmente sensório-perceptivo-motora? (2018, p. 35)

Depois de consolidada a observação desse padrão, em uma ocasião, comentei com Thomas:

ANA: Nossas barrigas estão conversando... Têm conversado ultimamente...

THOMAS: [Ri, discreta mas espontaneamente.] É mesmo...

ANA: Falam um idioma que ainda não conhecemos, mas quem sabe, mais para frente, vamos aprender que idioma é esse e o que elas nos dizem...

Rimos juntos, e silenciosamente recordei um comentário de Grotstein a respeito do senso de humor de Bion: “Bion tinha de fato um agudo senso de humor. Lembro também que, numa palestra, ele se referiu a ‘um paciente que era silente em três línguas’” (2007, p. 33).

Estávamos, Thomas e eu, assim como o paciente de Bion, falando mais de uma língua nas sessões e, inclusive, podendo rir disso. Foram muitas as ocasiões em que nos vimos nessa situação. Vez ou outra, eu apontava a “conversa” quando ela aparecia e deixava aberta a possibilidade de muitas coisas desconhecidas estarem se passando ali entre nós, e, quem sabe, ainda teríamos a sorte de, em algum momento, ter equipamento mental para pensá-las – pensar esses elementos-beta (Bion, 1962/2004b) “falados” diretamente pela “boca do estômago”.<sup>5</sup>

Creio que essa porta aberta para mais um avanço na topografia a ser percorrida permitiu que, tempos mais tarde, dois sonhos aparecessem nas sessões. O primeiro sonho foi contado sem provocar muita reação em Thomas. Era como se ele contasse mais uma história.

THOMAS: Eram três salas. Sonhei que estava em um velório e via o morto se mexer. Mas só eu via. Não sabia se era alucinação minha ou se só eu conseguia

5 Após a finalização deste relatório, por indicação de minha supervisora, li Poyet (2021), em que a autora discute aspectos corporais da transferência e, coincidentemente, menciona um caso similar, de comunicação pelo ronco da barriga.

ver que realmente o corpo se mexia. Aí saía de uma sala, era outro velório, e o corpo também se mexia, não estava morto. Ia para outra sala, outro velório, a mesma coisa.

Embora tenha se perguntado sobre o que significariam essas salas, os mortos, sua visão do corpo vivo, Thomas não chegou a investir tempo no exame desses elementos. De minha parte, imaginava apenas o início de um degelo e da recuperação da percepção de algo que, parecendo morto aos olhos de (quase) todos, estava vivo – assim como partes suas, até então em tanatose. Contudo, nada disse a esse respeito. Preferi oferecer-lhe uma escuta interessada, uma reação viva e entusiasmada com sua produção onírica. Considerei prematuro verbalizar qualquer conjectura, pois ela poderia secundarizar o que me parecia primordial: que algo estava podendo ser representado nas imagens oníricas e comunicado por essa via. A meu ver, Thomas apenas precisava de um continente com tónus suficiente – um continente que pudesse ser tocado profundamente e que permitisse à produção dele evocar um efeito comunicativo na sessão.

Um segundo sonho veio em seguida e o assombrou.

THOMAS: Sonhei com uma casa que parecia a casa da minha avó. Tinha um corredor comprido e, ao fundo, um cômodo, como uma garagem. Ao lado dessa garagem tinha um gramado, com uns brinquedos de criança. Era, de fato, meio parecido com a casa da minha avó. Tinha esse corredor comprido... No sonho, lá dentro da garagem, as paredes eram como de areia. Elas escorriam, se desfaziam, e delas saíam corpos, ossadas. Esses esqueletos brotavam dessas paredes de areia.

O sonho e suas “ossadas” retornaram sob a forma de angústia em várias sessões subsequentes: essa infância dos brinquedos no gramado e as ossadas encriptadas na garagem conviviam lado a lado. Ele começava a sentir certa nostalgia da infância, assim como a angústia que corpos insepultos provocavam. Em uma sessão, falando dessa angústia, menciona que não sabe de onde ela vem. E diz, fazendo um movimento amplo com os braços, as mãos indo desde o ventre até onde os braços podiam alcançar: “Eu não sei, mas parece que vem assim [faz o movimento repetidas vezes]. É como se eu tivesse algo monstruoso aqui dentro, saindo assim”.

Começamos a sentir juntos o indício representacional daquilo que nossas barrigas roncando nos comunicavam em um idioma desconhecido? O que me permitia constatar que essa dupla vinha se formando e constituindo uma história comum eram mínimos detalhes: “Sabe aquilo que estávamos

conversando na outra sessão?”, dizia-me Thomas. “Eu estava lá e lembrei de uma coisa que nós falamos”.

Também começou a me contar sobre espetáculos teatrais, shows, visitas a casas de amigos com um entusiasmo – discreto – nunca testemunhado antes. Suas experiências culturais começaram a fazer parte das sessões, suas dificuldades concretas de interação em grupos grandes e sua satisfação em interações em grupos menores passaram a andar lado a lado. Contou-me do lançamento de um livro em que havia publicado um capítulo. Em uma semana, me disse: “Era um lançamento com muita gente: muitos autores, muita gente convidada, não me senti à vontade para ir. É muita interação para mim”. No entanto, na semana seguinte, falou-me da roda de conversa em outra noite de lançamento: “Ali foi muito gostoso: os autores sentados numa meia-lua, conversando com o público”.

Em uma sessão logo após esse dia, conta-me com um entusiasmo que eu nunca havia notado nele que, em um evento da empresa, tinha sido reconhecido por pessoas que ele nem imaginava que sabiam de sua existência: “Ah, então você é o Thomas?”. Assinalo o inusitado da presença desse entusiasmo na sessão, ao que ele responde: “Sabe, eu sempre tive uma ideia de que nunca seria um adulto”.

Uma nova proposta de trabalho exige de nós justamente essa entrada em um campo que ele chamou de vida adulta. Mudamos o vértice de observação, das partes da mente de Thomas não subjetivadas, para partes infantis que ainda não se sentiam adultas, e também para partes desenvolvidas, capazes de se relacionar com os objetos de forma madura. Ao que parece, a parte não subjetivada fazia sombra às demais. Com nosso trabalho, penso termos acolhido tanto as necessidades de subjetivação de tais partes quanto as de manifestação daquelas antes um tanto desidratadas. Ele realmente sofreu ao perceber quão vinculado era a seu trabalho e como seria difícil deixá-lo, apesar da satisfação com a proposta de um novo emprego.

É nesse processo que Thomas chega à sessão comentando sobre o dia de trabalho com seus colegas. Entre outras coisas, queixa-se daqueles que reclamam, que reivindicam, que – segundo ele – precisam sempre pedir algo. Segue-se este diálogo entre nós:

THOMAS: Eles sempre precisam achar algo para pedir, para dizer que querem, que está faltando. Não sei por que precisa ser assim. Tensiona o ambiente. Eu nunca peço nada, e as coisas vão se ajeitando. É só esperar e uma hora acaba vindo, acontecendo algo. Nem sempre é como você quer, mas de um jeito ou de outro, vem aquilo que você precisa. Parece que, se você fica pedindo, reivindicando, fica muito pior. Aí é que as coisas não vêm.

ANA: Me ocorreu aquele ditado “quem não chora, não mama”. Parece que você está me dizendo que, na sua teoria pessoal, vale o oposto: quem chora, não mama; quem não chora, mama. Fiquei pensando de onde teria vindo essa sua teoria. O Thomas-bebê concluindo que, se chorasse, não mamaria; precisaria esperar quieto, até que alguém resolvesse que era hora de você mamar. [Intimamente pensei naquele menino aterrorizado, que precisou esperar a mãe inerte resolver pedir que interrompessem o procedimento médico. Parece ter chegado à mesma conclusão: quem mandou chorar? Se não tivesse chorado, talvez não tivesse esperado tanto para ser atendido.]

Thomas fica silente. Alguns dias depois, envia-me uma mensagem pelo WhatsApp para avisar que não poderia ir à sessão seguinte. Mas, diferentemente de todas as outras – poucas – vezes em que precisou se ausentar, dessa vez solicitou um horário alternativo para reposição. Vibrei, secretamente, com seu primeiro “choro” para reivindicar uma “mamada” no seu tempo. Julguei que mais uma parte da mente de Thomas estava podendo nascer. Essa teoria do bebê que não chora para poder mamar volta e meia é lembrada por um de nós nas sessões.

Aquela barriga de Thomas que roncava e que clamava por meu entendimento – à qual, por algum tempo, só pude responder com o interior do meu corpo – talvez nos falasse da fome de viver, em contraposição à tanatose, que o obrigava a se fazer de morto, sem chorar, sem reivindicar o leite de que tanto necessitava para fazer sua mente nascer. Talvez essa tenha sido sua estratégia para ser uma visita boa, mesmo tendo vindo.

## Algumas notas finais

Trago estas últimas notas como testemunho da importância da mutualidade interessada para a expansão psíquica que Thomas tem experimentado. Antes um “paciente-agenda”, um “funcionário-fantasma”, hoje compartilho com ele algumas experiências de fruição, reflexões e emoções que dizem de sua existência. Como afirmei em outro momento do texto, uma possibilidade de acolher o desconhecido pode ter sido criada. Como sustenta Bion, “a característica dominante da sessão é a personalidade desconhecida e não o que o analisando ou o analista pensa que sabe” (1970/1984, p. 87). E não é disto que nasce o trabalho de análise: estar interessado naquilo que não sabemos?

### Naufragio en aguas poco profundas: aspectos arcaicos de una mente retraída

Resumen: Mediante la presentación y discusión de un caso clínico, la autora busca abordar la forma en que lo que se configura como una mente retraída, con un notable desapego emocional, puede estar asociado a experiencias primarias con un continente aquí denominado flácido. A lo largo del texto, trata de delinear la naturaleza de dicha flacidez, como la capacidad de fagocitar el contenido, y también sus efectos, entre ellos el de provocar lo que denomina tanatosis psíquica. El trabajo con el paciente, basado en lo que ella denomina mutualidad interesada, hace posible la emergencia de elementos arcaicos, fuertemente marcados por la presencia de signos del funcionamiento corporal, y a partir de ahí la creación de un terreno más fértil para los procesos de subjetivación.

Palabras clave: agonías primitivas, clínica de lo arcaico, continente flácido, relación continente-contenido, objetos primarios

### Shipwreck in shallow waters: archaic aspects of a withdrawn mind

Abstract: Through the presentation and discussion of a clinical case, the author seeks to address how what constitutes a withdrawn mind, with notable emotional disengagement, may be associated with early experiences with a container referred to here as flaccid. Throughout the text, she seeks to outline the nature of such flaccidity, such as the ability to phagocytose the contained – and also its effects, among them that of provoking what she calls psychic thanatosis. Working with the patient, based on what she calls interested mutuality, enables the emergence of archaic elements, strongly marked by the presence of signs of bodily functioning, and from there the creation of a more fertile ground for the processes of subjectivation.

Keywords: primitive agonies, archaic clinic, flaccid container, container-contained relationship, primary objects

### Naufrage en eaux peu profondes : aspects archaïques d'une psyché en retrait

Résumé : À travers la présentation et la discussion d'un cas clinique, l'auteur cherche à aborder la manière dont ce qui se configure comme une psyché en retrait, avec un désengagement émotionnel notable, peut être associé à des expériences primitives avec un contenant ici qualifié de flasque. Tout au long du texte, elle cherche à décrire la nature de cette flaccidité, comme la capacité à phagocyter le contenu, ainsi que ses effets, parmi lesquels celui de provoquer ce qu'elle appelle la thanatose psychique. Le travail avec le patient, basé sur ce qu'elle appelle la mutualité intéressée, permet l'émergence d'éléments archaïques, fortement marqués

## Naufração em águas rasas

par la présence de signes du fonctionnement corporel, et à partir de là, la création d'un terrain plus fertile pour les processus de subjectivation.

Mots-clés : agonies primitives, clinique de l'archaïque, contenant flasque, relation contenant-contenu, objets primaires

## Referências

- Bion, W. R. (1984). *Attention and interpretation*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts* (W. M. M. Dantas, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler & P. C. Sandler, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1991)
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Learning from experience*. Aranson. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (2004c). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Brun, A. (2018). A escuta das formas primárias de simbolização no trabalho analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(2), 35-53.
- Ferenczi, S. (2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4, pp. 55-60). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Grotstein, J. S. (2007). *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis*. Karnac.
- Guerra, V. (2017). O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. *Ide*, 40(64), 31-54.
- Mãe, V. H. (2017). *O apocalipse dos trabalhadores*. Biblioteca Azul.
- Meltzer, D. (1979). La dimensionalidad como un parámetro del funcionamiento mental: su relación con la organización narcisista. In D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell & I. Wittenberg, *Exploración del autismo: un estudio psicoanalítico* (pp. 198-209). Paidós.
- Meltzer, D. (2017). *O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos* (M. S. Martins, Trad.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1992)
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1988). *The apprehension of beauty: the role of aesthetic conflict in development, art, and violence*. Karnac.
- O'Shaughnessy, E. (1992). O complexo de Édipo invisível. In R. Britton, M. Feldman, E. O'Shaughnessy & J. Steiner (Orgs.), *O complexo de Édipo hoje: implicações clínicas* (R. C. S. Lopes, Trad., pp. 106-123). Artes Médicas.
- Poyet, P. (2021). Elaboração centrada no corpo em uma análise de adolescente psicótica. *Livro Anual de Psicanálise*, 35, 199-219.
- Santos, V. S. (s.d.). Fagocitose. *Brasil Escola*. bit.ly/43fcn2f
- Stern, D. (1992). The pre-narrative envelope: an alternative view of unconscious phantasy in infancy. *Bulletin of the Anna Freud Centre*, 15(4), 291-318.

Tavares, A. (2023, 14 de dezembro). Esquilo e gambá se fingem de mortos? Entenda a tanatose, comportamento animal que viralizou nas redes sociais. *Instituto Butantan*. [bit.ly/3ZzJawm](https://bit.ly/3ZzJawm)

Recebido em 27/10/2025, aceito em 3/11/2025

Ana Archangelo  
[ana.archangelo@gmail.com](mailto:ana.archangelo@gmail.com)

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n4.15